

Capa

## Riscos e oportunidades no campo

**Uma camada de poeira encobre o horizonte do campo. Se os ventos internos e externos soprarem favoráveis, ela passará logo. Se não, será mesmo uma crise!**

**Onofre Ribeiro**

Os sentimentos sobre a economia de Mato Grosso são fortes. Vão da mais pesada descrença até a esperança de que a crise produza novos comportamentos e renove as lideranças empresariais e políticas do Estado de Mato Grosso.

Os cenários indicam 2006 e 2007 anos de crise no campo com reflexos amplos sobre a economia estadual. O presidente da Federação da Agricultura e Pecuária - Famato, Homero Pereira, está no time dos pessimistas-preocupados. Como ele estão, também, o governador Blairo Maggi, o secretário estadual de Desenvolvimento Rural, Cloves Vettorato, e produtores.

No time dos atentos, a economista Rosemeire Cristina dos Santos, superintendente do Instituto Mato-grossense de Estudos Aplicados - Imea, ligado à Famato.

No time dos otimistas com a crise está o consultor da Sun Com Web, Átila Santos da Paz Rosa, de Primavera do Leste, para quem estão faltando idéias novas e renovação das lideranças do agronegócio.

Os números, porém, não animam no mesmo boom de anos anteriores quando tudo conspirou a favor: preços internacionais, câmbio, produtividade, clima e confiança no mercado.

No cenário atual pesam problemas graves: juros de 22% no financiamento do custeio das safras, infra-estrutura precária, alto custo do óleo diesel, financiamentos vencidos das safras anteriores, de máquinas e equipamentos, dívidas com as trades compradoras da soja e carga tributária que onera os custos, e crédito seletivo e raro para os agricultores muito dos quais com o nome no Serasa.

No cenário macroeconômico a crise é conjuntural e poderá ser resolvida em duas ou três safras por conta das oscilações do



mercado internacional para onde o Brasil exporta grande parte da sua produção agropecuária. A gripe do frango na Ásia e na Europa, por exemplo, a crise da aftosa no Brasil, são cenários positivos para o mercado.

O mundo não tem estoques de proteínas animais. O frango vive o drama da gripe e a aftosa pega o mundo com estoques baixos, o que abre o mercado para a importação das carnes brasileira e argentina, duas opções mundiais. Claro que as negociações de preços estão mais difíceis por causa da tendência de desvalorização em que a aftosa funciona como desculpa para os compradores.

De outro lado, a partir de março de 2006 começarão as especulações sobre a safra dos Estados Unidos e o clima de lá pode ser um grande aliado a favor ou contra produtores brasileiros, junto com o volume dos estoques norte-americanos.

## **CENÁRIO DA CRISE**

A próxima safra dos Estados Unidos, somada com possibilidades de mudanças inesperadas nos cenários da produção e do mercado internacional, constitui variáveis que podem influir de maneira aleatória aqui no Brasil.

No Brasil, a variável política resultante do ano eleitoral pode ser outro fator de mudanças inesperadas, porque a questão política não está resolvida.

O agronegócio responde por 30% do Produto Interno Bruto brasileiro, mas a agricultura e a pecuária respondem por 30% do PIB do agronegócio. A leitura dessa informação indica que a crise da porteira para dentro vai se espalhar no mercado fora da agricultura. Vai reduzir o movimento comercial, de serviços, de imóveis, de máquinas, equipamentos, de combustíveis, de insumos agrícolas. Estão com problemas as culturas de soja, milho, arroz, algodão e feijão, principalmente.

O consultor Átila da Paz Santos Rosa é crítico. Segundo ele, 10% dos produtores já vinham vivendo em crise desde anos anteriores. Outros 20% são muito bons e em dinâmica própria, e o miolo vivia no oba-oba e agora enfrentam a dura realidade da situação. Por isso ele defende a readequação das estruturas de gestão e de produção, e percepções novas para o setor agrícola em Mato Grosso.

Nessa linha, os cenários têm vertentes diferentes:

- O período é de expectativas porque o cenário está nublado, com tendência de se agravar, produzindo grande ressaca econômica nos anos de 2006 e 2007", segundo a economista Rosemeire Cristina dos Santos;

- Os produtores agrícolas que conseguirem sobreviver deverão fazer drásticos ajustes na sua estrutura de custos. Mesmo sem saber quais as conseqüências no funcionamento dos motores dos tratores e caminhões, os produtores estão misturando óleo de soja refinado na proporção de 50% nos tanques de combustível. Um biodiesel caipira e com isso reduzindo em 25% o custo desse importante componente. Baixar o nível tecnológico é outra alternativa para a próxima safra, reduzindo a quantidade de fertilizante, buscando a poupança de nutrientes deixada nos anos de fartura. E depois rezar que o ataque da ferrugem asiática e outras doenças seja mais brando e que os preços melhorem em função da drástica redução da oferta brasileira de soja e algodão", diz o secretário de Desenvolvimento Rural, Cloves Vettorato.

- Falta visão e capacidade de ação ao governo federal. O horizonte, que era de crise, agora é de agravamento. Teremos nesta safra redução de área plantada, menor uso de tecnologia, menor produtividade, perda de eficiência dentro da fazenda", afirma Homero Pereira, da Famato.

- "Uma vez que sabemos da importância da agricultura para a nossa nação, uma vez que sentimos da necessidade de líderes no verdadeiro sentido da palavra, e que necessitamos de novas realidades, novos conceitos, novos modelos, novas estruturas inteligentes, sábias, cercadas de princípios, moral, conduta impecável, que tal pensar em criar um meio onde estas virtudes não somente possam ser estimuladas, mas devam ser estudadas, concebidas como essenciais? Está se formando o "momentum" para surgir uma instituição de evolução do conhecimento para criação de líderes", adverte o consultor Átila da Paz Santos Rosa.

## **CENÁRIO ATUAL**

O secretário Cloves Vettorato acredita que "os ajustes serão mais dolorosos do que se pode imaginar. Mas temos esperança que as vítimas não sejam tantas para deixar o campo arrasado e que um raio de luz caia na cabeça das nossas autoridades econômicas e os acordem antes que sejamos todos tragados pelo mar da insensatez. A soja e o algodão como carros-chefe dessa economia apresentam tendência de queda em área, produção e faturamento. Para a cultura do arroz e milho o quadro não é muito diferente. A pecuária, fragilizada pelo aparecimento de focos de aftosa no Mato Grosso do Sul e Paraná, sofrerá abalos significativos na performance promissora que vinha se apresentando. A madeira, outro importante segmento, ainda não se refez do duro golpe sofrido com a Operação Curupira que desbaratou a máfia do Ibama no Estado, mas deixou um rastro de desemprego nunca antes visto".

O presidente da Famato, Homero Pereira, reclama que não existe política agrícola no país. "Quando muito, pacotes anuais e nem mesmo assim são respeitados".

O consultor Átila Santos da Paz Rosa é duro na visão dos efeitos da crise: "A agricultura está em crise, e o que fazer? Existe uma infinidade de soluções, umas radicais, outras inteligentes, outras ineptas. Nesta gama de opções a que se pode visualizar qual o nosso objetivo, de curto, médio e longo prazos, qual a nossa vocação, como poderemos participar com inteligência, protegendo as competências, incentivando o estudo, a pesquisa, elaborando novos modelos de crescimento e continuidade, deixando de lado os participantes da Lei de Gérson, aquela de levar vantagem em tudo".

## **BOLA PRA FRENTE**

Os reflexos definitivos da situação atual comportam muitas especulações. Mas a sensação no agronegócio não é a de terra arrasada. É só uma turbulência de ajustes depois da temporada boa.

Há cenários de transformação.

- Outra aposta é na diversificação e na agroindustrialização. Tendo os custos de produção de suínos e aves mais baixos do mundo, o Mato Grosso e o Centro-Oeste estão atraindo investimentos de grandes integradoras. As demandas crescentes de açúcar e álcool, especialmente, são alternativas para ocupar áreas de soja e algodão. O plantio de florestas comerciais começa a ser vista como um bom investimento", prevê Cloves Vettorato.

- "O nosso problema é falta de capital para financiar a atividade", diz o produtor de Campo Verde, Guidone Dallastra.

De qualquer modo, há muito dinheiro em jogo, muito investimento imobilizado, experiência acumulada, muita tecnologia desenvolvida e aprovada, há a descoberta do uso do cerrado, há mercados compradores internacionais e já existe a certeza de que o agronegócio, a pecuária e a madeira brasileiros são parte do abastecimento mundial.

O momento atual reflete bem o ideograma chinês da crise: é risco e oportunidade.